



# COLOQUIO BRASILEIRO DE HISTÓRIA DO PENSAMENTO GEOGRÁFICO

## **SURGINDO O FALA PROFESSOR – ELEMENTOS PARA ENTENDER A AGB EM MEIO A RENOVAÇÃO CRÍTICA**

FRANÇA FILHO, Astrogildo Luiz de  
Mestrando em Geografia – UFF  
Estrada Francisco da Cruz Nunes, 225  
Pendotiba – Niterói – RJ CEP: 24310-240

### **Resumo**

No período de 1978 a 1988 é possível elencarmos como o grande palco de debates, e elemento indispensável para entender as transformações que ocorrem na Geografia Brasileira, a Associação dos Geógrafos Brasileiros (AGB). Também podemos destacar que, dentre as várias manifestações que se darão no interior dessa entidade, um dos seus principais temas de contestação será a respeito da geografia que se ensina.

Como resultado desse momento agitado, dentro da AGB os encaminhamentos convergem para a criação de um fórum privilegiado para a categoria, com o objetivo de trazer os professores da escola básica para este debate e retornar o produto das discussões para a mesma. Nesse sentido o objetivo deste trabalho é trazer a tona o processo de construção do Fala Professor através da AGB como elemento aglutinador dentro do campo científico da Geografia Brasileira, e as repercussões deste evento na geografia que se ensina a partir na década de 80, através do levantamento bibliográfico acerca do chamado Movimento de Renovação Crítica e da elaboração do Fala, principalmente a partir dos anais da sua 1ª edição, e da realização de entrevistas com alguns dos principais protagonistas da Geografia do período.

### **Introdução**

Estamos já em vias de caminhar para o final da primeira década do século XXI.

Quando percebemos a importância dessa informação vem à tona o desejo de rever os acontecimentos que o precederam, afinal uma visão clara e crítica do passado revela-se mister para nos posicionarmos frente ao agora. No que diz respeito diretamente à Geografia, esta afirmativa é bastante verdadeira, pois muito do que se vem sendo feito por geógrafos ou outros que buscam o pensar geográfico no seu labor diário tem origem ou, no mínimo, influência de algo já há muito pensado e realizado.

De certa forma isso é o que tem motivado a evolução dos estudos de história do pensamento geográfico no Brasil, apesar de sua constituição como área de pesquisa ser lamentavelmente recente ainda, exatamente essa possibilidade de estarmos reunindo episódios que, pouco a pouco, nos ajudam a formar um quadro mais amplo e nítido do que vem sendo construído pela Geografia Brasileira pelas décadas afora.

Um elemento interessante que acreditamos ser bastante útil para a construção dessa memória está no levantamento e análise de documentos remanescentes dos eventos geográficos realizados no passado. Pelo fato de que são fontes importantes para entendermos os direcionamentos da geografia e dos geógrafos em um dado momento, seja através dos temas dos trabalhos ali descritos ou daqueles que os escreveram, trata-se de um tipo de recuperação ainda carente de pesquisa no Brasil, portanto, uma fonte de carga de trabalho a ser feito e desenvolvido.<sup>1</sup>



## **Objetivos**

Diante desse contexto apresentado, nosso trabalho tem objetivo realizar um levantamento da movimentação da AGB acerca da criação dos Encontros Nacionais de Ensino de Geografia, mais conhecidos como Fala Professor. Nossa questão está voltada em quais as questões surgidas dentro da AGB possibilitaram o surgimento desses eventos, com atenção especial voltada para a sua primeira edição de Brasília-87. É fundamental, para tanto, contextualizar esses acontecimentos dentro momento conhecido por alguns como Renovação Crítica da Geografia, pela maioria simplesmente, Geografia Crítica.

## **Referencial Teórico e Metodológico**

Para referendar teoricamente este trabalho buscamos nos utilizar de dois elementos encontrados dentro da produção sociológica de Pierre Bourdieu. Primeiramente empregamos

---

<sup>1</sup> Em uma entrevista realizada em 2000, a Prof<sup>a</sup> Lia Osório Machado manifestava exatamente sua crítica à ausência de trabalhos sobre os Congressos de Geografia realizados no Brasil e a necessidade do resgate destes.

a noção de campo científico aqui entendida como:

"... espaço no qual as posições ocupadas pelos agentes definem-se em função dos objetos que estão em disputa e dos interesses envolvidos, acabando por gerar modalidades específicas de organização e de sobrevivência internas, que funcionam como reguladoras da produção e das relações ao próprio campo." (BOURDIEU, 1983: p. 89)

A partir deste conceito é possível entendermos a AGB como cenário fundamental para entender a movimentação da Geografia no período por nós aqui proposto. Significa que é possível avaliar a AGB em seu papel importante na história do pensamento geográfico brasileiro, enxergando-a para além de seu aspecto institucional.<sup>2</sup> Ao mesmo tempo, buscamos realizar dois procedimentos metodológicos distintos:<sup>3</sup>

- Analisar a estrutura da classe dirigente, distinguindo a posição dos intelectuais nela imersa (neste caso específico, a posição do geógrafo frente a conjuntura nacional do período em questão;

- Diagnosticar as estruturas de relações objetivas entre grupos distintos dentro um mesmo campo intelectual em determinado momento histórico, o que significa entender quais os conflitos existentes entre indivíduos de um mesmo campo científico e as suas conseqüências;

Uma vez feita essa fundamentação teórica, optamos em estabelecer duas etapas de trabalho; inicialmente realizando um levantamento bibliográfico acerca do chamado movimento de Renovação Crítica da Geografia (ou Geografia Crítica), que consideramos vital para a montagem do cenário que traz à tona o Fala Professor, inclusive com os pressupostos teóricos que, hoje em dia, já começam a ser devidamente esclarecidos pelos geógrafos; em seguida, passamos a leitura e catalogação dos Anais das cinco edições do Fala Professor, através de fichamentos do seu conteúdo, com o intuito de identificar as mudanças ocorridas durante os encontros em termos de trabalhos científicos e possíveis discussões travadas. Tencionamos com isso, obter um panorama básico dos temas predominantes dos trabalhos, suas tendências e centros principais de produção científica no Brasil na área do ensino.

Para nós trata-se de um trabalho ainda em estado superficial, com diversas ressalvas a

---

<sup>2</sup> Nesse sentido destacamos o trabalho recente de Antunes (2006) como importante na consolidação da AGB como elemento analítico na história do pensamento geográfico brasileiro.

<sup>3</sup> Tal entendimento se deu a partir de Bourdieu: 1974, p.191.



serem resolvidas, porém acreditamos que possa servir como esquema para aqueles que buscam entender a história do ensino de geografia no Brasil ou servir como material de base para as discussões que venham fazer parte da construção do Fala Professor em edições futuras.

### **Principais Pontos Desenvolvidos**

O primeiro ponto foi apresentar o quadro geral de acontecimentos internos a Associação dos Geógrafos Brasileiros (AGB) dentro do período intitulado de Renovação Crítica. A compreensão das transformações que ocorrem dentro desta entidade, são fundamentais para se entender a criação de fóruns específicos para a discussão acerca do ensino como o caso aqui a ser analisado dos Encontros Nacionais de Ensino de Geografia, os chamados “Fala Professor”.

Na segunda etapa nos preocupamos em reunir os elementos que, partir do levantamento anterior de mudança institucional da AGB, possibilitou a proposição, elaboração e construção do Fala Professor em 1987, na cidade de Brasília.

Por fim, no último ponto aprofundamos a realização do I Fala Professor, ressaltando sua forma de organização, a sua distribuição de eixos, a identificação de procedência dos trabalhos, e principalmente, as resoluções que surgiram deste evento.

### **Resultados Alcançados**

No campo institucional aqui colocado em destaque, as mudanças que ocorrem dentro da Geografia Brasileira se concentram em cima da AGB. Entidade esta fundada em 1934 em São Paulo e que posteriormente haveria de se capilarizar sob a forma organizativa de Seções Locais.

Até a década de 1970, a AGB possuía um caráter particularmente ligado à formação dos novos quadros de geógrafos dentro da universidade, sobretudo através da organização de trabalhos de campo feitos pelos próprios professores acadêmicos, ligados a AGB. Os encontros se davam por forma de Assembléias Gerais, geralmente restritas pela próprio caráter restrito da entidade, com pouco mais de 200 pessoas entre pesquisadores acadêmicos e seus estudantes.<sup>4</sup>

---

<sup>4</sup> Antunes: idem.

“A AGB, até 1970, caracterizou-se como uma associação de pesquisadores. Aos encontros nacionais compareciam geógrafos que apresentavam os resultados de suas pesquisas. Três ou quatro grupos de pesquisa, dirigidos por geógrafos experimentados, faziam trabalhos de campo, nos quais se iniciavam os alunos, dando origem a relatórios preliminares que eram apresentados e debatidos no final dos encontros.” (MAMIGONIAM: 1991, p. 159)

Dessa forma, o acesso a entidade era extremamente limitado, com categorias distintas, os efetivos, com plenos direitos perante a entidade, e os cooperadores, formados por pessoas ligadas ao estudo de Geografia, mas que não possuíam estudos aprofundados na área.

“Este sistema fechado tinha dois fins: 1º evitar que intelectuais não geógrafos chagassem a posição de controle e direção da sociedade, a nível nacional; 2º fazer uma espécie de patrulhamento científico, a fim de que a sociedade mantivesse, até certo ponto, uma linha uniforme de pensamento. Evitava-se, assim, de uma só vez, os aventureiros, os incompetentes e os que tinham divergências epistemológicas e metodológicas.” (ANDRADE: 1991a, p. 146)

A inserção dos professores de ensino médio só irá ocorrer nos anos 60, quando é realizado uma reforma do estatuto da AGB que permitirá a substituição da categoria de sócio efetivo pela de sócio titular.

“Em 1970, nós fizemos uma reforma, em pleno regime militar, que eu achei altamente liberalizante. Essa reforma estabelecia que todas as pessoas que se inscrevessem na AGB e fossem formadas em Geografia, quer em licenciatura, quer em bacharelado, eram automaticamente consideradas sócias. Deixava de haver aquela seleção. As pessoas que eram formadas em outros cursos, os estudantes, ou aquelas pessoas que apenas gostavam de Geografia podiam ser sócios.” (ANDRADE: 2002, p. 17)

Porém, a cúpula da entidade permanecia ocupada pelos professores universitários, assim como a sua estrutura de poder. Ainda assim, podemos entender esse episódio como o primeiro passo para o que viria a se desenrolar durante aquela década até culminar no fatídico Encontro Nacional de Geógrafos (ENG) realizado em Fortaleza no ano de 1978. Este ENG surge como um momento de eclosão daquele período histórico de início de abertura política no país dentro da Geografia Brasileira e, na AGB, como resultado de uma demanda dos geógrafos e estudantes organizados de mudanças radicais nos direcionamentos da entidade.

“Surge este grupo antes do Encontro da AGB acontecer, de modo que eu não fui em 78 fisicamente. Mas as pessoas com as quais a gente se reunia, discutia e os que lá estiveram, essas pessoas reverberaram lá no Encontro todo o debate discutido aqui. Só depois eu descobri que isso aí era um fenômeno geral no Brasil. Pipocavam grupos por todo o Brasil e esse grupos se conheceram lá e isso virou um movimento de

mudança. (...) E também tentando converter a AGB em mais uma das entidades da sociedade civil. Mais uma entidade na luta pela democratização etc...” (MOREIRA: 2003 apud ALENTEJANO: 2004, p. 148.)

Conforme estamos destacando, a AGB se mostra neste momento entre os anos de 1970 e 1980, como um palco fundamental para se entender as transformações em curso na Geografia Brasileira por seu caráter aglutinador das principais discussões da pauta dos geógrafos.<sup>5</sup> A partir da renovação jurídica-estatutária da entidade de 1978, as bases de sustentação da entidade passam a ser constituídas sobretudo de estudantes de graduação e professores da escola básica, distribuídos na Seções Locais espalhadas pelo país, transformando o que era uma AGB elitista até então, acessada apenas por pesquisadores já consolidados e seus acólitos, em uma associação ampla e participativa, característica esta que permanece até os dias de hoje conforme nos assinala Andrade:

“O choque decisório se deu no Encontro Nacional de Fortaleza, de 1978, quando a comunidade se viu fortemente dividida e os estudantes, muitos deles não associados à AGB, passaram a controlar o processo decisório” (ANDRADE: 1991, p.149.)

Já de acordo com Moreira (2000, p.29):

“O 3º ENG ensajou o olhar recíproco, o conhecimento dos protagonistas uns dos outros, a conscientização dos descontentamentos que promovem a necessidade das mudanças e a aglutinação das idéias que precipitam a crise da ciência”.

Ainda em Silva (1983, p.77):

“Na verdade, o encontro teve seu significado maior no âmbito das Comunicações: a mudança de direção da Associação dos Geógrafos Brasileiros, substituição essa que implicou o desaparecimento do caráter oficial (ligado ao IBGE) da entidade e o advento de uma direção jovem e então ainda descomprometida com o poder”.

Ainda com Moreira (idem, pp. 32-33) é destacado o fato de ter sido neste Encontro Nacional de Geógrafos o lançamento do livro de Milton Santos *Por uma Geografia Nova* e o fato dos estudantes terem passado à frente da entidade promovendo uma forma de gestão e atuação mais democrática. Neste contexto a ditadura militar já demonstrava claros sinais de desgaste e também já havia certa pressão em prol da democratização do país. A partir disso

---

<sup>5</sup> Para entender melhor a real importância da AGB na história da Geografia no Brasil, podemos destacar as obras já citadas Andrade: 1985 e 1991 e Mamigonian: 1991, entre as mais antigas. Já entre as mais recentes encontramos Antunes: 2006, Monteiro: 2002, Abreu: 2006, além de outros trabalhos isolados que podem ser encontrados em várias das publicações da AGB, principalmente a edição número 22 da revista Terra Livre de 2004.

vários intelectuais e artistas que se encontravam no exílio retornaram ao país, através da Lei da Anistia, fazendo de sua forma de expressão uma bandeira contra o regime autoritário vigente, como o caso de Milton Santos, preso e torturado pela ditadura antes de partir para o exílio.<sup>6</sup>

Mais uma vez, é preciso que consideremos todo o contexto histórico que está acontecendo, dentro de todo um movimento de abertura política. Após os anos de ditadura militar, os movimentos sociais encontravam-se fortemente articulados, singularmente os sindicatos dos trabalhadores e o movimento estudantil. No caso da educação, especificamente, podemos citar as manifestações organizadas e realizadas por entidades como a AGB e a Associação Nacional dos Professores Universitários de História (ANPUH) a favor da extinção dos cursos de Estudos Sociais, sobretudo os de Licenciatura Curta.<sup>7</sup>

“Na ocasião estávamos saindo de um período de trevas, de um Estado de Exceção, quando a situação do Ensino de Geografia no País passava por crise, em que a disciplina tinha perdido carga horária, e em muitos casos desaparecido das salas de aula, substituída por Estudos Sociais nas séries do 1º Grau, hoje Ensino Fundamental, ou, como no Ensino de 2º Grau (médio), onde simplesmente havia sido reduzida a dois tempos no 1º ano ou no 2º ano, quando antes tínhamos nas três séries, ou seja, no 1º ano, Geografia Geral, no 2º ano Brasil e no 3º Geografia Regional do Mundo.” (CROCETTI: 2006)

Aqui estamos colocando alguns pontos de referência para ilustrar o debate inflado que se instala nessa época na Geografia Brasileira que terá seus reflexos também dentro da Educação.

No início da década de 1980, após a sua mudança de estatuto e com a eleição de uma nova diretoria mais atinada aos novos princípios da entidade a AGB passa a construir uma relação cada vez mais próxima com os sindicatos de professores, além de outras entidades representativas (CUT, MST, Conselho Nacional de Seringueiros, entre outros) muitas vezes com agebianos prestando assessoria a essas órgãos. No Rio de Janeiro e em São Paulo, haviam também representantes dentro desses sindicatos (respectivamente SEPE e APEOESP) que realizavam a articulação política entre esses e a AGB.<sup>8</sup>

<sup>6</sup> De acordo com Milton Santos em entrevista encontrada na coletânea Testamento Intelectual: “*No caso da Geografia, o que me ajudou é que havia a AGB, Associação dos Geógrafos Brasileiros, que por sorte ficou pobre e, por conseguinte, sua burocracia é frágil. No fim dos anos 70, ela foi abandonada pelos grandes patrões, então entraram jovens, entre os quais uma parte não tinha emprego. No meu caso foi uma alavanca formidável: era uma instituição, mas não o suficiente institucional, não burocratizada*”. (SANTOS: 2002, p. 16)

<sup>7</sup> (ROCHA: 2000, p. 132).

<sup>8</sup> Informações obtidas através de depoimento feito pela Profª Tomoko Yida Paganelli, atualmente professora aposentada do Instituto de Educação da Universidade Federal Fluminense, em abril de 2007. Neste caso

Portanto, temos uma conjuntura única pois somam-se: a estrutura renovada da AGB e a sua ligação direta com essas entidades representativas dos professores; o próprio movimento da época de ampla crítica ao governo militar e, de forma mais específica, à política de educação; a discussão interna dos geógrafos acerca do perfil ideológico da geografia que se ensina na escola, esta tendo Lacoste como grande provocador, necessitando de uma reelaboração que visasse contribuir como instrumento de luta para as melhorias da sociedade.

De modo especial, a abertura aos professores de dentro da AGB, motivava o surgimento de novas demandas dentro da entidade, conforme nos ressalva Paganelli, uma vez que:

“... a parte da educação sempre ficava em segundo plano, a discussão da Licenciatura dentro da AGB, dentro dos Encontros Nacionais. (...) A participação dos professores foi tão grande que foi necessário um encontro específico de professores, o Fala Professor de Brasília de 1987, um grande encontro de professores. E a partir daí, houve uma divisão onde você tinha o seguinte: o Fala Professor, onde os professores e alguns geógrafos às vezes participavam, alguns participavam, e os Encontros Nacionais.” (PAGANELLI: 1999)

Assim, teremos numa última análise, um consenso de que a geografia que se ensina é, na época, considerada a grande pauta a ser trabalhada pela comunidade geográfica. É com esse pensamento geral instaurado que, durante a 34<sup>a</sup> Assembléia Geral Ordinária da AGB, durante o VI Encontro Nacional de Geógrafos de 1986, realizado em Campo Grande-MS é dado como deliberação a criação de encontros mais frequentes da entidade para dar vazão à discussão de assuntos urgentes ou temáticos, de interesse geral da categoria.

“A situação do Ensino de Geografia no País, que estava a exigir conhecimento mais aprofundado e questionamento melhor fundamentados foi a época, eleita como prioritária.” (AGB, Anais do I Fala Professor: 1989)<sup>9</sup>

Como resultado foi realizado o 1º Fala Professor – Encontro Nacional de Ensino de Geografia em julho de 1987 em Brasília que podemos colocar como um marco para a categoria, já que contou com a presença maçica de 2 mil pessoas, entre brasileiros e até mesmo estrangeiros. O objetivo maior que orientava a sua realização era debater e elaborar estratégias capazes de transformar o ensino de Geografia do 1º e 2º Graus, referindo-se a uma ciência que tivesse como premissa buscar dialeticamente a integração do arranjo espacial com as relações existentes em cada momento histórico, ou seja, uma Geografia comprometida com

---

específico são citados os nomes de Ruy Moreira e Douglas Santos, respectivamente no Rio de Janeiro e São Paulo como os principais articuladores entre AGB e Sindicatos de Professores do período.

<sup>9</sup> Os Anais do 1º Fala Professor só puderam ser publicados dois anos após o encontro por problemas de ordem financeira da AGB.

a realidade social.

No processo de elaboração do encontro, entre os anos de 1986 e 1987, existem alguns aspectos que consideramos indispensáveis para compreender a sua evolução desde Brasília até hoje.

O primeiro diz respeito à própria nomeação do evento. Em função da idéia inicial de um encontro construído para os professores, as propostas iniciais surgiram em torno de um Encontro Nacional de Professores de Geografia. Porém, a partir dos debates internos da AGB, o título foi modificado para o de **ENEGE – Encontro Nacional de Ensino de Geografia**, revelando desde já uma mudança sutil nos princípios do encontro.

Neste ponto, torna-se fundamental distinguirmos uma das principais características do funcionamento da AGB-pós 78: a enorme diversidade de tendências e posicionamentos internas à entidade, traço marcante que subsiste até hoje, diferentemente dos anos anteriores a Reforma Estatutária de 1979.

Conforme Moreira (2007), em sinal de discordância à decisão votada do nome do evento, surge o jargão do **Fala Professor** elaborado pelo grupo de agebianos do Rio de Janeiro como contraponto. Desta forma, garantiu-se o perfil do encontro como um espaço privilegiado feito para os professores “falarem” e participarem da sua construção. Será o “espírito” oferecido pelo nome de Fala Professor, o grande princípio orientador do encontro.

Os reflexos deste “espírito orientador” são percebidos na estrutura básica do encontro. Este compunha-se de um pequeno espaço para exposição de painéis e, principalmente, os chamados Grupos de Trabalho (GT), além da mesa de abertura e da plenária final, apenas.

A metodologia de funcionamento desses GT também refletia os princípios gerais do encontro. Os temas foram escolhidos a partir de uma ampla pesquisa realizada pela AGB anteriormente a partir das demandas reais dos professores de geografia, em seguida eram combinados de acordo com suas semelhanças temáticas de modo a resultar nas problemáticas acima apontadas, abrangendo questões de orientação teórico-metodológicas do ensino de geografia mas chamando atenção para as questões políticas nacionais, principalmente as relacionadas à educação.

Para equalizar o nível das discussões entre os participantes dos GTs foi montado antecipadamente um Caderno de Textos distribuído entre os encontristas. Dessa forma, havia o incentivo claro à discussão e a construção coletiva cujos resultados sistematizados sobre o formato de encaminhamentos que eram expostos publicamente na Plenária Final, votados e eleitos como resoluções a serem cumpridas pela AGB.<sup>10</sup>

---

<sup>10</sup> Estas informações foram obtidas através de depoimento feito pelo então Vice-presidente da AGB na época, Prof<sup>o</sup> Carlos Walter Porto Gonçalves, atualmente professor do Departamento de Geociências da Universidade

Os pressupostos orientadores do encontro podem ser facilmente percebidos na medida que observamos os temas dos GTs abaixo. Colocamos os nomes de seus respectivos coordenadores como forma de captar a participação massiva dos vários setores da AGB no período.

As resoluções dos Grupos de Trabalho foram sistematizadas em forma de relatórios, encaminhadas e votadas na Assembléia Geral realizada no final do encontro (vide Anexo 1).

Com esta estruturação em painéis e grupos de trabalho, permitiu-se um ambiente incrível de troca de experiências entre professores e alunos, e uma melhor compreensão da realidade do ensino de Geografia, fornecendo assim subsídios para a sua reformulação. Mas, por que reformulação? Porque a Geografia que se ensinava estava distante da realidade, descritiva, compartimentada, era um reforço para a manutenção de uma análise fragmentária do espaço.

Assim, o grande objetivo do Encontro foi debater e elaborar uma estratégia capaz de transformar o ensino de geografia do 1º a 2º Graus, na ampliação do estudo do espaço geográfico, em que se busque a integração da organização e transformação do território com as diversas relações sociais existentes em cada momento histórico.

Além dos Grupos de Trabalho, reservou-se um espaço para a apresentação de painéis de alguns trabalhos elaborados. Em função da falta de informações acerca dos painéis, onde constam apenas eixo, nome do trabalho e do autor, não é possível fazer grandes análises sobre o material, no entanto, obtemos a seguinte distribuição dos trabalhos de painéis.

Como não consta nos Anais a instituição a qual os autores dos painéis pertencem, não podemos precisar de onde vem os trabalhos. Contudo, verificamos desde já uma concentração massiva dos trabalhos no eixo temático de metodologia. É interessante destacar que, neste momento da década de 80, estão ocorrendo mudanças na Geografia e do ensino especificamente, este último ainda se encontrando em processo de consolidação como área de estudo.

## **Conclusões**

Neste trabalho podemos perceber que o encontro do Fala Professor sofre diversas modificações tanto em suas propostas quanto em seu conteúdo. Reflexos da própria Geografia que vem passando por mudanças desde o âmago da Renovação Crítica, quando a “Geografia Marginal” deixa de se situar na marginalidade e passa a assumir um caráter oficial perante as universidades e centros de pesquisa.

Assim, no caso do Fala Professor, inicialmente entendemos o evento como um legítimo fórum de debate e elaboração e propostas pelos professores de geografia com pouco aprofundamento nas questões práticas pedagógicas da sala de aula.

Posteriormente, pelo próprio caráter do campo do ensino de geografia que ao longo das décadas de 80 e 90 se consolida academicamente como linha de pesquisa da Geografia Brasileira, o Fala toma aspectos de um encontro majoritariamente acadêmico, reduzindo paulatinamente a participação de professores da escola básica, com exceção daqueles que mantêm algum tipo de vínculo com a universidade. Esse fato se comprova principalmente a partir do III Fala de Presidente Prudente, que adquire aspectos de espaço privilegiado para o desenvolvimento da pesquisa no ensino de geografia.

Na análise da evolução dos trabalhos científicos encontramos, em um primeiro momento uma participação expressiva de trabalhos publicados por professores da escola básica, principalmente na segunda e terceira edições do Fala Professor, com este número caindo progressivamente até o quinto, tendo majoritariamente professores acadêmicos, professores de escola básica em fase de pós-graduação ou mesmo por alunos de graduação com trabalhos individuais ou gerados a partir de grupos de pesquisa.

### Referências Bibliográficas

ANTUNES, Charles da França. A Associação dos Geógrafos Brasileiros (AGB) e a Construção da Geografia Brasileira: constituição e consolidação de um campo científico no período 1934-1970 disponível na página [www.uff.br/posgeo](http://www.uff.br/posgeo). Último acesso em 23/04/07.

ALENTEJANO, Paulo Roberto Raposo. AGB-RIO: 68 anos de história, in: Revista Terra Livre nº 22. São Paulo, AGB: 2004.

Anais do 1º Encontro Nacional de Ensino de Geografia – Fala Professor. Brasília, AGB: 1987.

ANDRADE, Manuel Correia de. Entrevista a Manoel Correia de Andrade in: Revista Geografares, nº 2, pp. 13-23. Vitória: 2002

\_\_\_\_\_. A AGB e o Pensamento Geográfico no Brasil, in: Revista Terra Livre nº 9. São Paulo, AGB: 1991.



BOURDIEU, Pierre. Economia das Trocas Simbólicas. Perspectiva, São Paulo: 1974.

BOURDIEU, Pierre. Questões de Sociologia. Marco Zero Editora, Rio de Janeiro: 1983.

CROCETTI, Zeno Soares. História do Fala Professor. Obtido através da página [www.cibergeo.org/agbnacional](http://www.cibergeo.org/agbnacional). Último acesso em 12/06/2006.

MAMIGONIAM, Armen. A AGB e a produção geográfica brasileira, in: Revista Terra Livre nº 8. São Paulo, AGB: 1991.

MOREIRA, Ruy. Assim se passaram dez anos: a renovação da geografia brasileira no período 1978-1988, in: GEOgraphia nº 1, Niterói, PPGEU-UFF: 1999.

ROCHA, Genylton Odilon Rêgo da. Uma Breve história da formação do professor de geografia no Brasil in: Revista Terra Livre nº 15,. São Paulo, AGB: 2000.

SANTOS, Milton. Testemunho Intelectual. São Paulo, Ed. Unesp: 2002.

SILVA, Armando Corrêa da. A Renovação Geográfica no Brasil – 1976-1983: As Geografias Radical e Crítica na Perspectiva Teórica, in: Boletim Paulista de Geografia nº 60. São Paulo, AGB-São Paulo: 1983.

VALVERDE, Orlando. Carta Aberta de Orlando a Orlando, in: Boletim Paulista de Geografia nº 60. São Paulo, AGB-São Paulo: 1983.

### **Depoimentos Obtidos:**

Carlos Walter Porto Gonçalves – maio de 2007

Ruy Moreira – maio de 2007

Tomoko Yida Paganelli – abril de 1999 e março de 2007